

QUER DIZER: UM ITEM LEXICAL EXPANDINDO SUAS FUNÇÕES

Diane Dal Mago¹

1- INTRODUÇÃO

Esta proposta de trabalho pretende apresentar como se comporta a expressão **quer dizer** no discurso. A análise efetuada permitiu que se observasse uma mudança semântica e categorial no percurso de mudança deste item discursivo.

O **quer dizer** perde o seu valor locucional de verbo auxiliar + pleno (querer/dizer), com escopo oracional, para adquirir uma multiplicidade de funções textuais e pragmático-discursivas, a depender do contexto. Ao expandir suas funções torna-se uma expressão que carrega traços ora mais subjetivos (com características mais pragmáticas), como na macrofunção *aliás*, em que auxilia o falante a reavaliar e a reorganizar a sua fala, tendo em vista que a todo momento estamos fazendo reflexões em relação ao que dizemos; ora mais textual, como na macrofunção *ou seja*, pendendo para funções relacionais entre as idéias expressas no texto. Neste caso, o falante estaria esclarecendo, retomando ou concluindo aspectos relacionados a sua fala.

Então, à proporção que se afasta do seu sentido original (oracional), adquirindo outros traços semânticos e categoriais, a expressão torna-se mais abstrata e não-discreta, assumindo características típicas de um processo de gramaticalização. Ao assumirmos o caráter dinâmico da gramática, pressupomos que as línguas estão em constante processo de mudança, seja pelas pressões de uso ou do próprio sistema gramatical. O processo de gramaticalização é um dos fenômenos de mudança lingüística, cuja definição pode ser entendida como a passagem de itens lexicais que designam entidades, ações, qualidades, como nomes, verbos, para itens gramaticais, sendo que estes serviriam para organizar os elementos lexicais do discurso, formando um *continuum*, isto é, há uma passagem de itens lexicais a gramaticais e outros morfemas preenchendo diversas funções, formando um ciclo, não tendo fim.

Esses possíveis percursos de mudança pelos quais o **quer dizer** parece estar passando foram observados e analisados em entrevistas de informantes que compõem o Banco de Dados VARSUL (Variação Lingüística Urbana na Região Sul do Brasil).

2- A RELAÇÃO ENTRE AS FUNÇÕES DA LINGUAGEM E A GRAMATICALIZAÇÃO

Observando a relação texto/contextofunção/significação, Halliday (1970) propõe três funções, assim denominadas: (i) *ideacional*² – correspondente a um tipo de função/finalidade, que é a de referir ou denotar; (ii) *interpessoal* – envolvendo, além da

¹ Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL)

² Também chamada, por diferentes autores, de *referencial*, *representativa*, *cognitiva*, *descritiva*, *proposicional*, *experencial*.

função/finalidade, também a função/evento, ao expressar papéis e atitudes dos participantes numa situação comunicativa; e (iii) *textual* – equivalente a função/texto, atuando na organização do discurso. Assim, de acordo com Halliday e seus seguidores, usamos a linguagem basicamente para: (i) falar sobre nossa experiência de mundo, inclusive os mundos mentais, descrevendo situações e entidades envolvidas; (ii) interagir com outras pessoas, estabelecendo e mantendo contato com elas, seja para influenciá-las ou para expressar nossos pontos de vista; e (iii) organizar a mensagem ajustando-a a outras mensagens e ao contexto mais amplo³ (Thompson 1996, p.28). A depender de mudanças contextuais, a relação entre as três funções, que atuam simultaneamente em todos os níveis gramaticais, pode se alterar, com proeminência ora de uma ora de outra função em diferentes situações discursivas.

2.1 O percurso proposicional > (textual) > expressivo

Para Traugott (1989, p.31), a principal mudança semântico-pragmática nos estágios iniciais de gramaticalização é unidirecional nos seguintes termos⁴: *significados com conteúdo proposicional podem ganhar significados textuais* (concernentes à coesão, por exemplo), *expressivos* (pressuposicionais e atitudinais, por exemplo), *ou ambos*, na seguinte ordem:

Proposicional > ((textual) > (expressivo))

No percurso de mudança semântico-pragmática, os significados vão tendendo a se referir menos à descrição de situações concretas e mais a situações discursivas; menos a situações objetivas e mais a situações subjetivas, refletindo uma maior subjetivização. Em outras palavras, ocorre uma pragmatização do significado. Como, por outro lado, conceitos mais concretos passam a servir como modelos/base para conceitos mais abstratos, a metáfora também está em jogo aí.

A crença de que significados pragmáticos sejam gramaticalizados depois de significados não-pragmáticos, não significa que uma língua possa, até determinado estágio, ter somente significados proposicionais; mas significa que, dada uma forma X, a polissemia pragmática associada a ela, se houver, terá se desenvolvido depois que a proposicional (TRAUGOTT, 1989, p.34).

É importante ressaltar que, se um item lingüístico está presente no enunciado, esse elemento vai influenciar na relevância da informação que introduz, funcionando como uma instrução para o ouvinte sobre como interpretar tal informação. Novas inferências podem surgir, podendo elas mesmas ser entendidas em termos de implicatura conversacional e convencionalizada, criando-se novas polissemias para uma forma. (TRAUGOTT e KÖNIG 1991)

Analisando o aspecto mais pragmático das mudanças por gramaticalização, podemos ver que ele se manifesta na função expressiva da linguagem, que reflete a intensificação da subjetividade do falante. Tal função deriva de uma função proposicional básica, podendo ser mediada por uma função textual.

O percurso ideacional > interpessoal > textual

³ Thompson agrega ainda uma quarta função ('metafunção', nos termos do autor) – a *lógica*, responsável pelo tipo de relação semântica estabelecida entre as orações ou entre porções maiores do discurso (p.35).

⁴ Traugott opera com uma versão modificada da proposta por Halliday.

Diferentemente de Traugott e König, que enfatizam os processos metonímicos relativos à pressão da informatividade, Heine *et al.* (1991) salientam os processos metafóricos envolvidos na gramaticalização. Segundo os autores, uma das principais metáforas que atuam no desenvolvimento de categorias gramaticais é ESPAÇO-PARA-DISCURSO. Essa transferência pode ser assim visualizada (p.182):



O diagrama acima ilustra a transição de conceitos concretos do mundo real (domínio *de re*) para o mundo do texto (domínio *de dicto*). Essa distinção corresponde, segundo Heine *et al.* (p.190), às noções de ideacional e textual, de Halliday. Os autores admitem que o padrão de transferência na gramaticalização segue a direção: ideacional/proposicional > textual. Até aqui, há uma coincidência nas propostas de Traugott & König e de Heine *et al.*

Todavia, quando entra em cena a função interpessoal a situação fica mais complexa. Heine *et al.* se contrapõem aos outros autores no que se refere à direção textual > interpessoal, mostrando, como contra-exemplo, o desenvolvimento de *who* ('quem') de pronome interrogativo (*Who came?!* Quem chegou?) para marcador de oração subordinada (*I don't know who came!* Não sei quem chegou). Nesse caso, temos nitidamente um componente interacional forte no primeiro exemplo e um componente textual no segundo, invertendo-se a direção para: interpessoal > textual.

Os autores postulam, então, a necessidade de se distinguir na função interpessoal dois componentes: *um orientado para o falante* (referindo-se ao que o falante tem em mente: suas atitudes, julgamentos, crenças etc) e outro *orientado para o ouvinte* (servindo para estabelecer e manter relações sociais), com uma fronteira nem sempre clara entre ambos⁵.

Heine *et al.* argumentam que as situações mais nítidas de interação com o ouvinte envolvem atos de fala manipulativos, com enunciados de perguntas e de comandos, sendo os primeiros mais comuns, entrando em ação o mecanismo de reanálise: um marcador de interrogação se gramaticaliza como marcador de subordinação; no que se refere a comandos, formas imperativas também podem se gramaticalizar. Tais enunciados acabam se desenvolvendo em estruturas que atuam no plano textual, relacionando orações e estabelecendo elos coesivos no texto. A passagem da função interpessoal para a textual seria motivada por uma estratégia do falante para estabelecer uma certa *relação entre o ouvinte e o texto* (ou entre o próprio falante e o texto), chamando a atenção para determinada parte. Com o tempo, essa relação passa gradualmente a ser reinterpretada como uma *relação entre diferentes partes do texto*, evidenciando-se aí a função textual. Com base nessas considerações é que Heine *et al.* (1991, p. 191) propõem que, pelo menos para o componente orientado para o ouvinte, a direção do desenvolvimento das funções da linguagem seja a seguinte:

⁵ Para Urbano (1999, p.198), o conceito de interação refere-se não só ao envolvimento do falante com o ouvinte e vice-versa, mas também ao processo de manifestação pessoal do falante avaliando subjetivamente o conteúdo veiculado ou comprometendo retoricamente o interlocutor. Nesse caso, o termo 'interação' corresponde a 'interpessoal'.

Ideacional > interpessoal > textual.

Deparamo-nos, então, com um problema teórico-metodológico: como distribuir as três funções da linguagem em uma escala de mudança via gramaticalização? Ou, mais especificamente, como tratar a função interpessoal, como anterior ou como posterior à textual? Na seqüência do trabalho buscaremos discutir essas questões por meio do funcionamento da expressão **quer dizer**.

3- POSSÍVEIS CAMINHOS DE MUDANÇA DA FORMA **QUER DIZER**

A expressão **quer dizer** pode ser observada na fala e também na escrita (sendo menos recorrente nesta última), exercendo o papel de articulador textual, na maioria das vezes. A partir de uma abordagem funcionalista, que considera a competência comunicativa dos indivíduos não somente pelo fato de eles codificarem e decodificarem as informações, mas por usarem as expressões lingüísticas de uma maneira interacionalmente satisfatória, isto é, que esteja também ligada a fatores externos à língua, buscaremos mostrar um possível caminho de mudança para esta expressão.

3.1 O estatuto gramatical de ‘querer’, ‘dizer’ e **quer dizer**

Em alguns dicionários de língua portuguesa (Ferreira, 1986 e Michaelis, 1998, por exemplo), aos verbos ‘querer’ e ‘dizer’ são atribuídas várias significações:

a) ‘querer’ - ter vontade de, ter a intenção de, desejar, projetar, tencionar, possuir ou adquirir, consentir, ordenar, requerer, necessitar de, vontade, intenção etc;

b) ‘dizer’ - exprimir por palavras, enunciar, pronunciar, ensinar, significar, exclamar, narrar, mandar, ordenar, afirmar etc.

Vejamos alguns exemplos, extraídos de nosso *corpus*, (1), (3), (4), e elaborados por nós (2), das respectivas significações destes dois verbos.

(1) Eu *quero* que ela arrume um emprego, uma coisa, porque enquanto a gente vive, a vida que ela teve sempre vai ter, né? (ter vontade de, desejar – SBO06, L239)⁶

(2) Eu *quero* a admissão de minha filha. (requerer, ordenar – exemplo nosso)

(3) Ele sempre *dizia* que tudo o que eu fazia era bem feito. (enunciar, exprimir por palavras – POA24, L454)

(4) Então ela *disse* pra mim: eu quero que tu fiques perto de mim. (contar, narrar – SBO06, L776)

Apesar de não dispormos de evidências históricas em nossa pesquisa, supomos que, com o passar do tempo, os verbos ‘querer’ e ‘dizer’ foram desenvolvendo outros usos concomitantemente com as designações originais, um dos quais resultou na seqüência **quer**

⁶ O código que segue o trecho da entrevista serve para identificá-la. Por exemplo, (SBO06, L239) = informante da cidade de São Borja, entrevista número 06 e linha 239. Os demais códigos de entrevistas que aparecerão são: FLP = Florianópolis, POA = Porto Alegre, CTB = Curitiba, BLU = Blumenau, CHP = Chapecó e LDN = Londrina. Os números que seguem são respectivamente, o da entrevista e o da linha onde se encontra o dado pesquisado. Nos casos em que aparecer um **F** e um **E** antes da informação, eles irão significar, respectivamente, informante e entrevistador.

dizer, de uso bastante generalizado na fala e que também surge na escrita, conforme os exemplos a seguir.

(5) Para fazer essas acepções, é fundamental determinar previamente para quem estamos escrevendo e com que finalidade. **Quer dizer**: nosso texto é sempre uma espécie de conversa que fazemos a distância com nosso(s) leitor(es), tendo um determinado objetivo em vista. (Mandryk e Faraco, 1998, p.137)

(6) Pegar os genes de uma formiga e implantar em pessoas que não querem saber de trabalhar, mas como as formigas ... eles trabalhariam muito mais, aí acabaria com o desemprego, com isso acabaria com a fome, **quer dizer**, não sei se acabaria, mas diminuiria muito. (redação de vestibular – ACAFE/ 2001)

3.2 ‘Querer’ e suas nuances comportamentais

Na seqüência **quer dizer**, o verbo ‘querer’ parece ser o que mais deve ser discutido, pois é a partir dele que vamos definir qual é o papel desta combinação de itens em nosso trabalho. Os aspectos comportamentais deste verbo são variados, como:

- a) verbo pleno – carrega a significação original (ter vontade, desejar) – exemplo (1).
- b) verbo modal – juntamente com outro verbo (pleno) forma uma seqüência verbal como em ‘Selma, eu *quero* casar contigo’ (CHP20, L242), mantendo fortes traços de sua significação original⁷;
- c) verbo auxiliar – juntamente com um verbo pleno forma uma locução verbal (Nuvem preta *quer dizer* chuva), sendo praticamente destituído de sua carga semântica original;
- d) por fim, ‘querer’ perde suas características verbais e, agregado a ‘dizer’, torna-se uma expressão relacional, como nos exemplos (5) e (6).

Primeiramente, vamos ver como é abordada, na literatura, a questão da auxiliaridade em relação a este verbo. Há alguns gramáticos que consideram o ‘querer’ como um auxiliar. Dentre eles podemos citar Said Ali (1957), Rocha Lima (1988) e Bechara (1983), que o tratam como um *auxiliar modal*.

Observemos o exemplo (nosso) que segue em que ‘querer’ teria traços de auxiliar modal (indicando vontade/desejo).

(7) *Queria* dizer a ele que voltei de viagem.

Num primeiro momento, pode-se pensar que a seqüência de ‘querer’ mais ‘dizer’ formaria uma locução no caso acima. Entretanto, levando-se em conta o conceito de locução postulado por alguns autores, dentre eles Rocha Lima (1988), Camara Jr. (1998), Ferreira (1986), como *a reunião de vocábulos que constituem apenas uma unidade significativa*, percebemos que tal denominação nem sempre se aplica ao **quer dizer**. Examinemos o que ocorre no exemplo (8) que segue.

⁷De acordo com Camara Jr. (1985), o futuro de formas volitivas (que indicam vontade, desejo) e subjuntivas advém de formas modais. Isso já ocorria no latim clássico e vulgar. Portanto, se o futuro é resultante de formas modais ainda no latim, isso significa que o verbo modal não se distancia muito do pleno, e a sua manifestação parece que se dá bem próxima a esta categoria plena.

(8) Quer dizer que fui criada num sistema muito antigo, não **quero dizer** arcaico. (CTB24, L779)

Em (8) o **quero dizer** apresenta sentido de ‘desejar falar algo’. Neste caso o verbo ‘querer’ apresenta traços modais⁸ de intenção. Apesar de sintaticamente integrados, ‘querer’ e ‘dizer’ mantêm uma certa autonomia semântica, e ‘dizer’ pode ser entendido como objeto de ‘querer’. Nestes casos não temos uma locução, mas dois verbos semanticamente plenos, com marcação de pessoa, por meio da flexão do verbo (quero). Note-se que, em contextos deste tipo, o sujeito da oração é normalmente [+ humano] e [+ intencional]. Em (8), o sujeito de ‘querer’ é correferencial ao sujeito de ‘dizer’, isto é, refere-se à mesma entidade discursiva.

De acordo com Camara Jr., somente podemos considerar auxiliar o verbo que sofreu *gramaticalização*, entendida como um processo que consiste na transformação de vocábulos lexicais em gramaticais. “É má técnica de descrição gramatical considerar formas perifrásticas⁹ a combinação de dois verbos numa única oração em que ambos guardam a sua significação verbal e a significação total é uma das duas significações (ex: *quero sair*) e não houve a gramaticalização do primeiro verbo.” (Camara Jr., 1970, p.118-119) Assim, para o autor, a distinção entre locução verbal e uma simples seqüência de dois verbos dá-se a partir da *gramaticalização*, considerando-se também a evolução semântica do verbo, não havendo locução verbal quando os dois verbos guardam a sua significação plena, somente quando resultar em um único sentido. Nessas condições, para Camara Jr., e também para nós, ‘querer’ não é auxiliar.

Também para Costa (1995), o verbo ‘querer’ é um modal, mas não é um auxiliar. De acordo com a autora (p.180), ‘querer’ passa por um processo de abstratização por meio da *gramaticalização*, que o leva a ser não um auxiliar, mas um possível marcador discursivo, afastando-se do seu conteúdo lexical básico.

Portanto, de acordo com alguns lingüistas, não teríamos uma locução em (8), em virtude de o verbo não ser um auxiliar.

Propomos, no entanto, que existem casos em que ‘querer’ funciona como um auxiliar e não como modal. Em nosso *corpus* de análise encontramos ocorrências em que este verbo comporta-se como auxiliar¹⁰, formando uma locução verbal juntamente com ‘dizer’, como em (9) a seguir.

(9) Eu fazia comboio. Comboio **quer dizer** tomando conta dos navios mercantes de Belém do Pará, até atracar lá. (FLP06, L21)

Em (9) temos um verbo auxiliar (‘querer’) e um verbo principal (‘dizer’), visto não ser possível separar ‘querer’ de ‘dizer’, pois ambos constituem apenas uma unidade significativa, portanto, uma locução, havendo uma maior integração sintática e semântica

⁸ Nestas ocorrências parece que o **quer dizer** assume uma posição de modalizador do discurso, como em (8), por exemplo, quando a informante, ao falar “não quero dizer arcaico”, está amenizando o que dissera anteriormente, ou seja, o fato de ter sido criada num sistema muito antigo.

⁹ Formas perifrásticas são expressões sintáticas em que “um vocábulo auxiliar toma a si a expressão das noções gramaticais, ou significação interna, deixando a significação externa para se expressar pelo outro vocábulo, dito principal – conjugações perifrásticas”. (Camara Jr., 1970, p.191)

¹⁰ O verbo ‘querer’ parece se comportar como auxiliar apenas diante do verbo ‘dizer’, conforme o exemplo (9). Apesar dessa restrição, consideramos que apresenta traços de auxiliaridade.

entre estes verbos. ‘Querer’, neste caso, expressa um valor menos intencional, classificando-se como verbo efetivo, definido como aquele que realiza o processo contido no verbo principal, sendo conhecido como auxiliar. Assumindo o ‘querer’ este valor, **quer dizer** pode funcionar como sinônimo de significar, havendo a possibilidade de intercambiar a seqüência verbal em (9) pela palavra ‘significa’. Além disso, o sujeito da locução perde os traços de [+ humano] e [+ intencional] (cf. Martelotta, 1998).

A partir das considerações feitas, vemos que a forma composta quer dizer pode funcionar em alguns casos como locução e em outros não, quando o verbo ‘querer’ não se caracteriza como um auxiliar, mas como um modal.

Em ambos os casos, o estatuto gramatical da combinação quer dizer (modal + infinitivo ou auxiliar + infinitivo) é sempre verbal. No entanto, verificamos que o maior número de ocorrências encontrado na fala corresponde a casos como os já exemplificados em (5) e (6), em que a seqüência muda seu estatuto categorial, funcionando como elemento relacional no que diz respeito às informações veiculadas.

3.3 O que a literatura lingüística tem postulado sobre a expressão **quer dizer**

A expressão **quer dizer** tem merecido atenção de vários autores nas discussões que envolvem os marcadores discursivos (os MDs, como normalmente são chamados). No entanto, apesar de os trabalhos já realizados sobre esta *expressão* nos auxiliarem em nossa análise, observamos que eles não dão conta de descrever adequadamente o fenômeno, ou seja, há muito para ser discutido sobre o comportamento discursivo do **quer dizer**. Vejamos o que alguns estudos já efetuados sobre esse item lingüístico têm a dizer.

Martelotta (1998) faz um levantamento das possíveis mudanças sofridas pelo **quer dizer**. O autor mostra que a *expressão* está assumindo diversas funções¹¹ (significar, retificar, reformular, dar seqüencialidade ao discurso) dentro do discurso oral, conforme podemos verificar nos exemplos apresentados por ele, cujas funções específicas estão indicadas entre parênteses, ao final de cada exemplo.

(10) ... foram vários funcionários embora ... pessoas boas ... entendeu? Foram mandadas embora ... e agora o que acontece? Aqui é ... é uma empresa até ... muito política ... então o que **quer dizer**? É uma cúpula ... a pessoa que vem de fora ... para entrar ... entendeu? Não tem como chegar ... a não ser que conheça alguém. (‘significar’ – p.90)

(11) ... pega uma lixa de unha ... aquela assim comprida ... sabe? lixo ... lixo todos os dedos ... não ... **quer dizer** ... a unha ... passo ... esmalte ...eh ... incolor primeiro uma base ... depois deixo secar ... (retificar – p.91)

(12) A Mesbla está vendendo uma televisão ... ela paga o ICM ... essa televisão está por cem mil ... entendeu? Aí vem a economia informal ... **quer dizer** ... economia informal é tudo aquilo que/ camelô ... essas/ nego vendendo picolé ... isso tudo é/sabe? o cara pára em frente à loja ... a mesma televisão que ele vende por cem ... o cara está vendendo por sessenta ... (reformular – p.91)

¹¹A terminologia ‘função’ refere-se, em nosso trabalho, ao papel que o **quer dizer** desempenha dentro de seus contextos de ocorrência.

(13) ... então você tem que controlar as coisas ... por isso que eu te falo ... então a situação é difícil ... **então quer dizer**¹² eles falavam em cem dólares ... **então quer dizer**... eles planejam cem dólares ... tá? hoje aqui ... é abril ... vamos receber o salário mínimo em maio ... tudo bem ... **então quer dizer** ... em março eles falam “ó ... o salário mínimo vai ser cem dólares ...” (seqüenciar – p.91)

Embora Martelotta cite várias funções, essa classificação não dá conta de todos os nossos dados. Vejamos os exemplos que seguem, em que a nomeação dada pelo autor não recobre o funcionamento do **quer dizer**, nos casos em que este é usado com a intenção de explicar, concluir e de preencher pausas, respectivamente.

(14) O prefeito Esperidião Amim tentou fazer através da famosa contribuição de melhoria, e houve uma reação muito grande, a maioria acha que não deve pagar integralmente, é problema do governo. Mas não é assim. Eu acho que não é assim. **Quer dizer**, é um investimento caro e tem que ter a participação de todos. (FLP21, L817)

(15) E – E você acha que ele vai sair é – candidato a governador?

F – Pode, né? Até pode. Ele é uma pessoa de grandes qualidades, né? então, ele já provou isso no passado e agora também está provando que está aí, né? Já inventando esse ligeirinho, e ecologia tudo, né? **Quer dizer** que ele então é uma pessoa capacitada, né? talvez seja um bom governador. (CTB03, L243)

(16) Mas aqui é a juventude. Juventude está num – (pausa longa) **quer dizer**, alcoolismo, isso aí, a juventude está no fundo do alcoolismo. (CHP14, L541)

Dada à dificuldade de se estabelecer claramente as funções desempenhadas pelos MDs, Martelotta chega a propor a reunião dos MDs numa macrofunção, agrupando num mesmo conjunto funções usadas para reformular, topicalizar, modalizar preencher vazios. No entanto, embora consideremos interessante a idéia de lidar com macrofunções, a que é proposta pelo autor é muito abrangente, englobando elementos de natureza variada, com funções que nem sempre se aproximam em termos textuais/discursivos. Essa questão também será retomada e discutida posteriormente.

Castilho (1989), Marcuschi (1989), Rosa (1992), Koch (1995), Silva e Macedo (1996), Ribeiro (1999) e Fávero (1999) também têm feito estudos sobre a expressão **quer dizer**.

Marcuschi também fala de formas e funções para o que denomina de marcadores conversacionais (MCs). Segundo ele, estes marcadores funcionam simultaneamente como articuladores textuais e organizadores da interação verbal, classificando o quer dizer como um marcador interacional que regula atividades interpessoais. Neste caso, a expressão funcionaria de forma mais subjetiva, atenuando, abrandando o discurso, que passaria à responsabilidade apenas do falante. Observemos a exemplificação a seguir, que é do próprio Marcuschi.

(17)... aquela é profissional ... ah, mas não é tão boa quanto Milloca, como Milloca não é ... não ... **qué dizê**, eu achei, né? (p.311)

¹² Segundo Martelotta (1998), o valor de seqüencialidade do **quer dizer** vem da ligação com o conector **então**.

Agora vejamos um exemplo retirado do meu *corpus* que exemplifica o mesmo caso apontado por Marcuschi.

(18) O alto Boqueirão acho que é lá pro lado do terminal, eu acho que deve ser Alto, aqui acho que é início do Boqueirão, né? que vai indo e o Alto é lá pro final. **Quer dizer**, eu acredito que é isso, a gente não sabe direito como é que é... (CTB12, L774)

Além dessa função atribuída ao **quer dizer**, Marcuschi (p.316), com base em Gülich e Kotschi (1983, p.305), também o classifica como um reformulador parafrástico. O autor diz que esta função permite resolver problemas comunicativos, frisando, dando ênfase ao que fora dito, ou também pode anunciar a insatisfação do falante com a formulação feita e valorizar o seu argumento diante do interlocutor, que talvez não perceba o que realmente foi falado. Desta forma, a reformulação passa a ter um caráter cooperativo e colaborador. Além do **quer dizer**, o autor ainda cita outros elementos que exercem função parafrástica, como: *enfim, eu me explico, como você diz etc.*

(19) Será que discutir os conteúdos é chato mesmo? Em caso positivo, chato para quem? Para o público? Ou mais propriamente para os jornalistas?... o jornalista, de modo geral, e a cobertura jornalística, por consequência, tem a tendência a fixar-se na política pela política. **Quer dizer**: a política pura, como jogo, como competição entre os partidos. (Revista VEJA, 08/11/00, p.170)

Da mesma forma que Marcuschi, Rosa (1992) também classifica o **quer dizer** como um marcador de atenuação, sendo considerado pela autora como uma expressão metacomunicativa, que auxilia na explicação do próprio ato de comunicação.

O MD **quer dizer**, segundo Rosa, se encaixa dentro do grupo dos *hedges* (no sentido restrito da palavra – de conceitos imprecisos), tendo em vista que estes constituem-se de palavras ou expressões “que funcionam como precaução, anteparo ou mesmo evasivas, assumindo, às vezes, forma de rodeios frasais” (Marcuschi, 1986, p.74, *apud* Rosa, p.38). Isso significa que o **quer dizer**, além de outros marcadores, como *sei lá* e *digamos assim*, estaria marcando, em muitos casos, atividades de planejamento verbal, modificando a força argumentativa dos enunciados em que aparece, atenuando a negatividade que pode estar explícita na fala.

Koch (1995) costuma denominar de atividades de formulação textual o que o locutor realiza para estruturar o seu texto e ser compreendido pelo interlocutor. A autora inclui o **quer dizer** como um operador de formulação fluente, isto é, ele passa a ter a função de precisar e ajustar melhor o que foi dito, visando obter a adesão do ouvinte diante dos argumentos do falante. Observemos o exemplo citado por Koch (p.79), extraído do Projeto Norma Urbana Culta (NURC) de São Paulo.

(20) L2 - a sua família é grande?

L1 – nós somos seis filhos

L2 – e a do marido?

L1 – e a do marido ... eram doze agora são onze...

L2 – ahn ahn

L1 – **quer dizer** somos de famílias grandes e ... então acho que... dado esse fator nos acostumamos a muita gente...

Na classificação dos MDs em geral, Silva e Macedo (1996) atribuem ao **quer dizer** apenas o valor de esclarecedor. No entanto, essa *expressão*, de acordo com o que já observamos em nosso *corpus*, poderia se enquadrar também em outras funções atribuídas pelas autoras aos elementos discursivos, como a de preencher pausas, seqüenciar, resumir.

Ribeiro (1999), num estudo sobre o verbo ‘dizer’ em marcadores conversacionais na fala culta de Salvador, analisou 53 ocorrências de **quer dizer** no *corpus* do Projeto NURC. Nestas ocorrências a *expressão* se caracterizou como um marcador do tipo *hedge* (cf. ROSA, 1992), indicador de atividade cognitiva. A partir desta característica, Ribeiro (p.415) atribuiu-lhe quatro funções:

a) indicador de planejamento verbal do enunciado produzido pelo falante:

(21) De modo geral aprecio, assim, uma orquestra sinfônica. Quanto à música popular, aprecio todas elas, fazendo algumas restrições às barulhentas. Deixa eu ver mais. De todo ... de tudo isso ficou, assim, uma certa experiência, **quer dizer**, conheci, cheguei a estudar, assim .. eh ...

b) elemento que serve para precisar a informação:

(22) Um, que é a válvula, totalmente a válvula; outro, totalmente transistorizado, **quer dizer**, a válvula são ... são substituídos por transistores; e o outro misto, **quer dizer**, uma pa ... tem poucas válvulas e uma grande parte de transisto ... transistores ...

c) elemento utilizado para diminuir ou amenizar a força de verdade expressa na unidade comunicativa:

(23) Bom, a maré ... nós temos maré cheia ...

Doc – Sim.

... maré vazia, partindo ... **Quer dizer**, tudo isto eu estou dizendo, não tecnicamente, como um leigo, certo? Geralmente as marés coincidem com as luas, ...

d) amenizador de opinião:

(24) A cidade, também, é uma beleza. É bonita, é linda. Bom ... eh ... pra mim, a Bahia é a cidade mais linda do mundo! Eu acho mais bonita ainda que o Rio de Janeiro, porque o Rio de Janeiro tem muita coisa artificial, feita pelo homem, não é? Enquanto que Salvador, não; Salvador mantém, **quer dizer**, mantém esse ... eh ... são as belezas naturais de Salvador. Isso é que é impres ... que impressiona ...

A terminologia adotada por Ribeiro parece um pouco imprecisa para alguns casos, principalmente em a e d. Em a, ‘planejamento verbal’, a nosso ver, não seria a denominação mais adequada para o exemplo que ela coloca, tendo em vista que este está mais para esclarecedor/especificador, assim como b. Em c, ao mencionar que o **quer dizer** ameniza ou diminui a força de verdade da expressão, a autora deve estar querendo dizer que ele funciona como um meio de atenuar o discurso. Por fim, em d o rótulo ‘amenizador de opinião’ está um pouco vago, pois acreditamos que, de acordo com a exemplificação dada, a *expressão* estaria funcionando como indicador de planejamento verbal, ligada ao ato de parar e pensar no que vai dizer, característica esta atribuída pela autora a a.

Por fim, Fávero *et alii* (1999) também consideram o **quer dizer** como um marcador e o conceituam como “um traço deixado no discurso pelo trabalho conversacional do locutor” (p.67). As autoras (tal como Marcuschi) salientam que a expressão é usada como marca de reformulação e que é um elemento típico de paráfrase, mas assinalam que também pode funcionar como marcador de correção, conforme o exemplo que segue, citado por elas.

Marcuschi (1989) e Rosa (1992) atribuem a este elemento discursivo o valor de atenuador. Fávero *et alii* (1999) e também Marcuschi o incluem no grupo dos elementos que fazem reformulação parafrástica, sendo que para Fávero o **quer dizer** também é usado para correção. Já para Silva e Macedo (1996), o **quer dizer** é apenas um esclarecedor. Koch (1995) diz que esse elemento discursivo é usado para frisar melhor o que fora dito, desta maneira também poderia ser considerado um esclarecedor ou retomador. Tanto Martelotta (1998) quanto Ribeiro (1999) procuram abrir mais o leque de funções atribuídas a essa expressão. O primeiro considera que ela pode exercer seu papel no discurso como ‘significar’, retificar, reformular, seqüenciar. Para Ribeiro o **quer dizer** pode ser usado para indicar planejamento verbal, precisar informação e amenizar opinião.

3.4 Uma nova proposta de classificação: **ou seja** e **aliás** > os reformuladores

Como vimos, nenhuma das propostas, por si só, dá conta de nossos dados, uma vez que cada autor contempla apenas algumas facetas do fenômeno. Desta forma, pretendemos lançar nossa proposta de classificação, adotando critérios que permitam traçar, ainda que hipoteticamente, um percurso de mudança para o funcionamento de **quer dizer**, com base no paradigma de *gramaticalização*, traçando um paralelo com as funções de linguagem de Halliday.

As funções contextuais que envolvem o **quer dizer** são basicamente: (i) orientadas para as relações textuais (tendo caráter coesivo), visando a organizar e ordenar os elementos que compõem o discurso; e (ii) orientadas para o falante, com relevo na subjetividade e fracamente orientadas para o ouvinte. Há predomínio da macrofunção articuladora textual e do componente orientado para o falante no comportamento desse marcador, identificado pela propriedade de *reformulação*, evidenciando-se o duplo viés do seu funcionamento: o caráter reflexivo do falante no sentido de avaliar subjetivamente suas informações e opiniões, à medida que organiza coesivamente o texto.

A partir do percurso de mudança semântica e categorial mencionado acima, o **quer dizer** parece se ramificar em duas direções:

(a) modal > aux. (P3) > **quer dizer** (V ‘significa’) > **quer dizer** (MD ‘ou seja’)

Ex.: *Nuvem preta quer dizer* (‘significa’) *chuva/ que vai chover. Tem nuvens pretas, quer dizer*, (‘ou seja’) *vai chover.*

(b) modal (P1) > **quero dizer** (MD ‘digo’/‘aliás’) > **quer dizer** (MD ‘digo’/‘aliás’)

Ex.: *Tem uma nuvem preta ali, quer dizer*, (‘quero dizer’/‘digo’/‘aliás’) *escura.*

Recapitulando a história dessa expressão, podemos localizar: (a) o funcionamento inicial de **quer dizer** como locução verbal atuante no nível oracional, com o valor de ‘significa’. No percurso de expansão semântica do item, a função mais próxima é a de ratificação, que se desenvolve parafrasticamente com diferentes nuances de expressividade, alargando seu escopo para o nível textual – função de *ratificação*; (b) o funcionamento de **quero dizer** como elemento que o falante utiliza para corrigir, atuando em qualquer ponto do enunciado, que sofre redução fonética para **quer dizer** – função de *retificação*. De qualquer forma, ambas as funções são recobertas pela propriedade de reformulação: o falante reformula para esclarecer, explicar etc., ou para corrigir, atenuar. No primeiro caso, fica mais evidente o caráter textual do MD (envolvimento falante/texto: maior

subjetividade); no segundo, **quer dizer** exibe certos traços pragmáticos interativos (envolvimento falante/ouvinte: baixa intersubjetividade).

Ambas as funções recobrem algumas subfunções, correspondentes, na amostra analisada, a sete tipos de contexto de ocorrência de **quer dizer**: *conclusivo*, *explicativo*, *esclarecedor*, *retomador* (função ratificadora); *retificador de conteúdo* e *de forma*, *atenuador* (função retificadora). (Dal Mago 2001) Vejam-se alguns exemplos:

Contexto de conclusão:

(25) Então Londrina, pelo porte que tem e pela infra-estrutura que ela tem hoje, ela teria que ter muito mais indústria, né? Porque ela tem uma infra-estrutura sensacional, então você vê, tudo aqui é, é tudo esgoto corrido, água tratada, tudo, né? quer dizer, é um bairro já assim, meio longe da cidade, e muito mais longe está, é tudo assim com tratamento de esgoto, tem água encanada, **quer dizer**, tem a infra-estrutura necessária, né? (LDN09, L1059)

Contexto de explicação:

(26) A minha esposa fala mais do que eu com os familiares dela. Nós temos uma pequena divergência lingüística, **que dizer**, eu falo o italiano clássico, ela fala o dialeto. (CHP20, L856)

Contexto de atenuação:

(27) Ent: Então quer dizer que dá pra tirar um bom dinheiro, dá pra viver bem da profissão de alfaiate?

Inf: Dá, dá pra viver bem, dá. Dá pra viver bem. **Quer dizer**, vê, dá pra viver folgado, agora pra ficar rico é difícil, difícil. (CHP14, L615)

Contexto de retificação de conteúdo:

(28) Não é como aqui, quando a gente estudava aqui era tudo pertinho, né? entrava no centro, era tudo pequenininho, **quer dizer**, era tudo pertinho, né? A igreja pertinho, o cinema, o teatro é pertinho. (LDN11, L1020)

Nos dois primeiros exemplos, o falante usa o **quer dizer** para inserir algum tipo de esclarecimento adicional: em (25), para concluir uma exposição (com valor de ‘portanto’); em (26), para acrescentar informações explicativas (com valor de ‘porque’, ‘pois’). Nesses casos, **quer dizer** atua claramente como articulador textual parafrástico, com um componente adicional de subjetividade. Já em (27), o uso de **quer dizer** revela uma certa insegurança e/ou hesitação do falante quanto ao que está proferindo, por isso esse caráter atenuador, modalizador, que diminui o grau de certeza da informação; e em (28), visa a corrigir o conteúdo recém informado. Nesses exemplos, parece haver traços relativos à organização do ato de fala: ao buscar ser cooperativo, no sentido de passar com fidelidade a informação desejada, o falante acentua um matiz de intersubjetividade.

Veja-se a distribuição abaixo, em que se correlacionam ambas as trajetórias com as funções da linguagem propostas por Halliday:

IDEACIONAL > > >		TEXTUAL
Interpessoal > > >	Interpessoal > > >	Interpessoal > > >
<i>QUER DIZER</i> (ratificador = ‘ou seja’)		(+ subjetividade)
Verbo <i>querer</i> (modal) combinado com o verbo <i>dizer</i>	V <i>querer</i> (aux.) P3 + <i>dizer</i>	MD quer dizer localizado em posições relacionais
Veiculam o significado de ‘intenção de falar’ (= ‘desejar dizer’)	Locução verbal cristalizada com valor de ‘significar’ (= ‘significa’)	- funciona como elemento ratificador (= ‘ou seja’) - acentua a relação falante/texto - assinala relações textuais >>>
<i>QUER DIZER</i> (retificador = ‘aliás’)		(- intersubjetividade)
Verbo <i>querer</i> (modal) combinado com o verbo <i>dizer</i>	MD <i>quero dizer</i> localizado em qualquer posição	MD <i>quer dizer</i> (redução fonética) localizado em qualquer posição
Veiculam o significado de ‘intenção de falar’ (= ‘desejar dizer’)	Expressão cristalizada com valor de elemento retificador (= ‘quero dizer’/’digo’) - acentua a relação falante/ouvinte	- funciona como elemento retificador (= ‘digo’; ‘aliás’) - acentua a relação falante/ouvinte

Quadro 1: Trajetórias do **quer dizer** (‘ou seja’/ ‘aliás’)

É possível perceber, pelo quadro acima que o **quer dizer**, ao assumir o valor de ratificador (‘ou seja’), possui um componente fortemente orientado para o falante e para o texto; já o valor de retificação (‘aliás’) envolve um componente fracamente orientado para o ouvinte e para o texto, ressaltando o valor intersubjetivo. Consideramos que (i) a recorrência deste item em contextos específicos pode levar a uma rotinização do uso, intensificando-se sua função textual; e (ii) o uso do **quer dizer** em novos contextos pode dar origem a novas funções.

Podemos verificar que o funcionamento do **quer dizer** é uma evidência de que os percursos de gramaticalização são unidirecionais, mas não necessariamente lineares e que a função interpessoal parece percorrer toda a sua história.

4- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio deste trabalho podemos perceber que o **quer dizer** percorre um longo caminho para chegar a se caracterizar como um elemento gramaticalizado, que desempenha diversas funções, sempre a depender do contexto, pois é o uso da língua que modela o significado dos itens lingüísticos.

Diversos autores postulam uma série de teorias e fazem análises contextuais para explicar os possíveis caminhos de mudança que levam à gramaticalização desta expressão. Alguns contemplam determinadas funções, outros dão relevo a outras, assim certos aspectos acabam não sendo abordados, como é o caso da relação entre as funções do **quer dizer** e das funções de linguagem, propostas por Halliday.

Neste trabalho, além de apresentar as funções da expressão também nos propomos a discutir como estas poderiam ser associadas às funções de linguagem.

Conforme podemos ver no Quadro 1, o **quer dizer** perpassa as funções interpessoal e textual. Esta última encontra-se presente nos contextos com valor de ‘ou seja’, quando funciona como elemento que faz ratificações (explica, conclui, esclarece). Entretanto, ao desempenhar a função interpessoal, com valor de ‘aliás’, a expressão parece percorrer um caminho mais longo. Isto estaria ocorrendo porque a função interpessoal pode ocorrer antes da textual e depois desta, haja vista que consideramos a mudança semântico-pragmática por meio da direção ideacional/proposicional > textual, podendo ser perpassada pela função interpessoal em qualquer ponto do percurso. Poderíamos relacionar este fato ao que postulam Heine *et. al*, isto é, a função interpessoal poderia ter dois componentes: um seria orientado ao falante, no sentido deste mostrar suas atitudes, julgamentos, análises e outro orientado ao ouvinte, visando a manter as relações sociais, sendo que a fronteira entre eles nem sempre se apresenta de forma nítida.

Em relação ainda às funções interpessoal e textual, acreditamos, pelo percurso traçado, pelos contextos de ocorrência e pela teoria ora analisada, que a primeira, além de percorrer toda a trajetória de mudança, aparece antes que a segunda.

REFERÊNCIAS

- BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. 28. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1983.
- CAMARA Jr., J. M. **Dicionário de filologia e gramática**. 4. ed. Rio de Janeiro: J. Ozon, 1970.
- _____. **J. História e estrutura da língua portuguesa**. 4. ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1985.
- _____. **Dicionário de lingüística e gramática**. 19. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.
- CASTILHO, Ataliba T. Para o estudo das unidades discursivas no português falado. In: A. T. CASTILHO (org.). pp.249-79, 1989.
- _____. (org.) **Português culto falado no Brasil**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1989.
- _____. A gramaticalização. In: **Cadernos de Estudos Lingüísticos e Literários**, UFBA, maio/1997.
- COSTA, M. C. R. **Modalidade e gramaticalização: estratégias discursivas na fala Carioca**. Tese (Doutorado em Lingüística) – Rio de Janeiro: Departamento de Letras Vernáculas, UFRJ, 1995.
- DAL MAGO, Diane. **‘Quer dizer’: percurso de mudança via gramaticalização e discursivização**. Florianópolis: UFSC, 2001. Dissertação de Mestrado.
- FÁVERO, Leonor Lopes; ANDRADE, Maria Lúcia; AQUINO, Zilda Gaspar Oliveira de. A correção no texto falado: tipos, funções e marcas. In: NEVES, Maria Helena de M. (org.) **Gramática do português falado**. São Paulo: Humanitas Publicações, Campinas: Unicamp, 1999, Vol. VII.
- FERREIRA, António Gomes. **Dicionário de Latim-Português**. Porto: Porto, 1976.

- FERREIRA, A B. de H. **Novo dicionário de língua portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- GIVÓN, Talmy. From discourse to syntax: grammar as a processing strategy. In: T.GIVÓN (ed.) **Syntax and Semantics 12: Discourse and Syntax**. New York: Academic Press, pp. 81-112, 1979.
- _____. **Functionalism and grammar**. Amsterdam/Philadelphia: J. Benjamins, 1995.
- GÖRSKI, Edair; GIBBON, Adriana de O.; VALLE, Carla R. M.; DAL MAGO, Diane; TAVARES, Maria Alice. Fenômenos discursivos: resultados de análises variacionistas como indícios de gramaticalização. In C. RONCARATI; J.ABRAÇADO, Jussara (orgs.). **Português brasileiro – contato lingüístico, heterogeneidade e história**. Rio de Janeiro: 7 Letras. pp. 106-22, 2003.
- _____; ROST, Cláudia; DAL MAGO, Diane. Aspectos pragmáticos da mudança via gramaticalização. pp.29-64. In: CRHISTIANO, Maria E.; SILVA, Camilo R.; HORA, Dermeval da. (org.) **Funcionalismo e gramaticalização: teoria, análise, ensino**. João Pessoa: Idéia, 2004.
- HALLIDAY, Michael A.K. [1970] Estrutura e função da linguagem. In J. LYONS (org.) **Novos horizontes em lingüística**. São Paulo: Cultrix/ Ed. da USP, pp. 134-60,1976. (trad. J. A. Durigan)
- HEINI, Bernd; CLAUDI, Ulrike; HÜNNEMEYER, Friederike. **Grammaticalization: a conceptual framework**. Chicago: University of Chicago Press, 1991.
- HOPPER, Paul; TRAUOGOTT, Elisabeth. **Grammaticalization**. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.
- KOCH, Ingedore V. **A inter – ação pela linguagem**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 1995.
- MACEDO, Alzira T.; SILVA, Giselle M. de O. Análise sociolingüística de alguns marcadores conversacionais. In A.T. MACEDO; C.N. RONCARATI; M.C. MOLLICA (orgs.). **Varição e discurso**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, pp.11-49, 1996.
- MANDRYK, D.; FARACO, C. A. **Prática de redação para estudantes universitários**. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. Marcadores conversacionais do português brasileiro: formas, posições e funções. In: A.T. CASTILHO, (org.) pp. 281-318, 1989.
- MARTELOTTA, M. E.; VOTRE, S. J.; CEZARIO, M. M. O paradigma da gramaticalização. In: MARTELOTTA, M. E.; VOTRE, S.; CEZARIO, M. M. (org.). **Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996, p.45-75.
- MARTELOTTA, M. E. Marcadores discursivos e operadores argumentativos. In: VOTRE, S.; MARTELOTTA, M. E. (org.) **Trajetórias de gramaticalização e discursivização**. Rio de Janeiro, 1998, p.64-93.
- MEILLET, Antoine. [1912] L' évolution des formes grammaticales. **Scientia 12**, nº 26, 6. Reimpresso em A. MEILLET **Linguistique historique et linguistique générale**. Paris: Champion, 1965.
- PONTES, E. **Verbos auxiliares em português**. Petrópolis: Vozes, 1973.
- ROCHA LIMA, C. H. **Gramática normativa da língua portuguesa**, 29. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1988.
- ROSA, Margaret. **Marcadores de atenuação**. São Paulo: Contexto, 1992.
- SAID ALI, M. **Dificuldades da língua portuguesa**. 5. ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1957.

RISSO, Mercedes S.; SILVA, Giselle. M. de Oliveira.; URBANO, Hudinilson. Marcadores discursivos: traços definidores. In I.G.V. KOCH (org.) **Gramática do português falado VI**. Campinas: UNICAMP/FAPESP, pp. 21-59, 1996.

TRAUGOTT, Elizabeth. On the rise of epistemic meanings in English: an example of subjectification in semantic change. **Language** 65:31-55, 1989.

_____. C.; HEINE, Bernd (eds.) **Approaches to grammaticalization**. V1: focus on theoretical and methodological issues. Amsterdam/Philadelphia: J. Benjamins, 1991.

_____.; KÖNIG, Ekkehard. The Semantics-Pragmatics of Grammaticalization Revisited. In E.C.TRAUGOTT; B. HEINE, B.(eds.) pp. 189-218, 1991.

_____. C. **The role of the development of discourse markers in a theory of grammaticalization**. Manchester: Stanford University, 1995.

URBANO, Hudinilson. Marcadores conversacionais. In D. PRETI (org.). **Análise de textos orais**. 3. ed. São Paulo: Humanitas Publicações, FFLCH/USP, pp.81-101, 1997.

_____. Aspectos basicamente interacionais dos marcadores discursivos. In: M. H. de M. NEVES (org.) pp. 195-258, 1999.